

A CHINELA TURCA*

1 Vede o Bacharel Duarte. Acaba de compor o mais teso e correto laço de gravata que apareceu naquele ano de 1850, e anunciam-lhe a visita do major¹ Lopo Alves. Notai que é de noite, e passa de nove horas. Duarte estremeceu² e tinha duas razões para isso.³ A primeira era ser o major, em qualquer ocasião, um dos mais enfadonhos sujeitos do tempo. A segunda é que ele⁴ preparava-se justamente para ir ver, em um baile,⁵ os mais finos cabelos louros e os mais pensativos olhos azuis, que este nosso clima, tão avaro deles, produzira. Datava de uma semana aquele namoro. Seu coração, deixando-se prender entre duas valsas, confiou aos olhos, que eram castanhos, uma declaração em regra, que eles pontualmente transmitiram à moça,⁶ dez minutos antes da ceia, recebendo favorável resposta logo depois do chocolate. Três dias depois, estava a caminho a primeira carta, e pelo jeito que levavam as cousas⁷ não era de admirar que,⁸ antes do fim do ano,⁹ estivessem ambos a caminho¹⁰ da igreja.¹¹ Nestas circunstâncias, a

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: EP (14 nov. 1875, p. 3-6), PA1882 (p. 107-125), PA1937 (p. 119-138), PA1952 (p. 117-136), OCA1959 (v. II, p. 294-301), PAGK1989 (p. 77-87), OCA1994 (v. II, p. 295-303), CJG1998 (v. I, p. 220-231), PAIT2005 (p. 99-115) e em OCA2015 (v. II, p. 268-274). Texto-base: PA1882. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: José Américo Miranda e Gracinéa I. Oliveira. O periódico *A Época*, em que este conto foi publicado pela primeira vez, foi, segundo Nelson Werneck Sodré (1966, p. 281), uma “revista literária que Machado de Assis e Joaquim Nabuco fizeram em 1875, e que viveu apenas quatro números”. Na Hemeroteca Digital Brasileira, da Biblioteca Nacional, só existem os números 1, 2 e 3.

¹ major] Major – em OCA1994.

² estremeceu] estremeceu, – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

³ Vede o Bacharel Duarte. Acaba de compor o mais teso e correto laço de gravata que apareceu naquele ano de 1850, e anunciam-lhe a visita do major Lopo Alves. Notai que é de noite, e passa de nove horas. Duarte estremeceu e tinha duas razões para isso.] Acabava o bacharel Duarte de compor o mais teso, correto e imperturbável laço de gravata, que apareceu naquele ano de 1850, quando o criado lhe anunciou a visita do major Lopo Alves. O bacharel estremeceu, e tinha duas razões para isso. – em EP.

⁴ ele] o bacharel – em EP.

⁵ em um baile,] em uma *soirée*, – em EP.

⁶ moça,] moça – em EP.

⁷ cousas] cousas, – em PA1937; coisas, – em PA1952; coisas – em CJG1998 e em OCA2015.

⁸ que,] que – em EP.

⁹ ano,] ano – em EP.

¹⁰ a caminho] no caminho – em EP.

¹¹ Inicia-se, neste ponto, um novo parágrafo em EP.

chegada de Lopo Alves era uma verdadeira calamidade. Velho amigo¹² da família, companheiro de seu finado pai no exército,¹³ tinha jus o major a todos os respeitos.¹⁴ Impossível despedi-lo ou tratá-lo com frieza. Havia felizmente uma circunstância atenuante; o major era aparentado com Cecília, a moça dos olhos azuis; em caso de necessidade, era um voto seguro.

2 Duarte enfiou um chambre e dirigiu-se para a sala, onde Lopo Alves, com um rolo debaixo do braço e¹⁵ os olhos fitos no ar, parecia totalmente alheio à chegada do bacharel.

3 – Que bom vento o trouxe a Catumbi a semelhante hora?¹⁶ perguntou Duarte,¹⁷ dando à voz uma expressão de prazer, aconselhada não menos pelo interesse que pelo bom-tom.

4 – Não sei se o vento que me trouxe é bom ou mau, respondeu¹⁸ o major¹⁹ sorrindo por baixo do espesso bigode grisalho;²⁰ sei que foi um vento rijo. Vai sair?

5 – Vou ao Rio Comprido.

6 – Já sei; vai à casa²¹ da viúva Meneses. Minha mulher e as pequenas já lá devem estar: eu irei mais tarde, se puder. Creio que é cedo,²² não?

7 Lopo Alves tirou o relógio e viu que eram nove horas e meia. Passou a mão pelo bigode, levantou-se,²³ deu alguns passos na sala, tornou a sentar-se e disse:

¹² Velho amigo] Antigo amigo – em EP.

¹³ no exército,] nas campanhas do Rio de Prata, – em EP.

¹⁴ a todos os respeitos.] á todos os seus respeitos. – em EP. Na variante, conservamos o acento agudo sobre o “a” pelo fato de que no século XIX, embora o acento agudo sobre o “a” fosse usado para indicar crase, muitas vezes a preposição (sem o fenômeno da crase) trazia o acento. Veja-se a defesa deste acento na preposição “a” no pós-escrito à segunda edição de *Iracema*, por José de Alencar (1870). Além disso, o acento não é necessariamente atribuível ao autor, pois havia o caso das ortografias da casa – sobre isso, ver crônica de “A Semana”, de 15 de março de 1896 (*Machadiana Eletrônica*, v. 7, n. 14, p. 143), em que Machado de Assis diz, falando sobre as diversas formas de uma mesma palavra: “Nas Alagoas pode haver, como aqui no Rio de Janeiro, a *ortografia da casa*.” (grifo do cronista) A essas observações, acrescente-se que este é o único texto de *Papéis avulsos* publicado no periódico *A Época*, de Joaquim Nabuco. Em obras do próprio Joaquim Nabuco encontram-se exemplos (muitos) como este: “Ler um canto opulento, rico, dos *Lusíadas*, ler o poema, direi melhor, parece á muitos uma coisa tão extraordinária como levantar a pesada espada de nossos maiores e suas armas de combate.” (NABUCO, 1872, p. 8; é nosso o itálico em “á”)

¹⁵ e] e, – em EP.

¹⁶ a Catumbi a semelhante hora?] á Catumbi á semelhante hora? – em EP. Ver nota 14.

¹⁷ perguntou Duarte,] – perguntou Duarte, – em OCA2015.

¹⁸ bom ou mal, respondeu] bom ou mal – respondeu – em OCA2015.

¹⁹ major] major, – em PA1937 e em PA1952.

²⁰ bigode grisalho;] bigode grisalho –; – em OCA2015.

²¹ à casa] à *soirée* – em EP.

²² cedo,] cedo – em PA1937.

²³ levantou-se,] levantou-se (em final de linha) – em EP.

8 – Dou-lhe uma notícia, que certamente não espera. Saiba que fiz... fiz um drama.²⁴

9 – Um drama! exclamou o bacharel.²⁵

10 – Que quer? Desde criança padeci destes achaques literários. O serviço militar não foi remédio que me curasse, foi um paliativo. A doença regressou com a força dos primeiros tempos. Já agora não há remédio senão deixá-la, e ir simplesmente ajudando a natureza.

11 Duarte recordou-se de que efetivamente o major falava noutro tempo de alguns discursos inaugurais, duas ou três nênias e boa soma de artigos que escrevera acerca das campanhas do Rio da Prata.²⁶ Havia porém²⁷ muitos anos que Lopo Alves deixara em paz os generais platinos e os defuntos;²⁸ nada fazia supor que a moléstia volvesse, sobretudo caracterizada por um drama. Esta circunstância²⁹ explicá-la-ia o bacharel, se soubesse que Lopo Alves³⁰ algumas semanas antes, assistira à representação de uma peça do gênero ultrarromântico, obra que lhe agradou muito e lhe sugeriu a ideia de afrontar as luzes do tablado.³¹ Não entrou o major nestas minuciosidades necessárias, e o bacharel ficou sem conhecer o motivo da explosão dramática do militar. Nem o soube, nem curou disso. Encareceu muito as faculdades mentais do major, manifestou calorosamente a ambição que nutria de o ver sair triunfante naquela estreia, prometeu que o recomendaria a³² alguns amigos que tinha no *Correio Mercantil*, e só estacou e empalideceu quando viu o major, trêmulo de bem-aventurança, abrir o rolo que trazia consigo.

12 – Agradeço-lhe as suas boas intenções, disse Lopo Alves, e aceito³³ o obséquio que me promete; antes dele, porém, desejo outro. Sei que é inteligente e lido; há de me dizer francamente o que pensa deste trabalho.³⁴ Não lhe peço elogios, exijo franqueza e franqueza rude. Se achar que não é bom, diga-o sem reбуço.

²⁴ Saiba que fiz... fiz um drama.] Sabe que fiz...fiz um drama. – em EP.

²⁵ drama! exclamou o bacharel.] drama! – exclamou o bacharel. – em OCA2015.

²⁶ acerca das campanhas do Rio da Prata.] acerca das campanhas relatadas em Tito Lívio. – em EP. Neste ponto começa novo parágrafo em EP.

²⁷ Havia porém] Havia, porém, – em PA1937 e em PA1952.

²⁸ generais platinos e os defuntos;] generais romanos e os defuntos: –em EP.

²⁹ Esta circunstância] Esta última circunstância – em EP.

³⁰ Lopo Alves] Lopo Alves, – em EP, em PA1937, em PA1952, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

³¹ as luzes do tablado.] as luzes da rampa. – em EP. Neste ponto, começa novo parágrafo em EP.

³² a] e – em PA1937.

³³ – Agradeço-lhe as suas boas intenções, disse Lopo Alves, e aceito] – Agradeço-lhe as suas boas intenções – disse Lopo Alves –, e aceito – em OCA2015.

³⁴ deste trabalho.] deste trabalhinho. – em EP.

13 Duarte procurou desviar aquele cálix³⁵ de amargura; mas era difícil pedi-lo, e impossível alcançá-lo. Consultou melancolicamente o relógio, que marcava nove horas e cinquenta e cinco minutos, enquanto o major folheava paternalmente as cento e oitenta folhas do manuscrito.

14 – Isto vai depressa, disse Lopo Alves; eu sei³⁶ o que são rapazes e o que são bailes. Descanse que ainda hoje dançará duas ou três valsas com *ela*, se a tem, ou com elas. Não acha melhor irmos para o seu gabinete?

15 Era indiferente, para o bacharel, o lugar do suplício; acedeu ao desejo do hóspede. Este, com a liberdade que lhe davam as relações, disse ao moleque³⁷ que não deixasse entrar ninguém.³⁸ O algoz não queria testemunhas. A porta do gabinete fechou-se; Lopo Alves tomou lugar ao pé da mesa, tendo em frente o bacharel, que mergulhou o corpo e o desespero numa vasta poltrona de marroquim, resoluto a não dizer palavra para ir mais depressa ao termo.

16 O drama dividia-se em sete quadros. Esta indicação produziu um calafrio no ouvinte. Nada havia de novo naquelas cento e oitenta páginas, senão a letra do autor. O mais eram os lances, os caracteres, as *ficelles* e até o estilo dos mais acabados tipos do romantismo desgrenhado. Lopo Alves cuidava pôr por obra uma invenção, quando não fazia mais do que alinhar as suas reminiscências. Noutra ocasião, a obra³⁹ seria um bom passatempo.⁴⁰ Havia logo no primeiro quadro, espécie de prólogo, uma criança roubada à família, um envenenamento, dous⁴¹ embuçados, a ponta de um punhal e quantidade de adjetivos não menos afiados que o punhal. No segundo quadro dava-se conta da morte de um dos embuçados, que devia ressuscitar no terceiro, para ser preso no quinto, e matar o tirano no sétimo.⁴² Além da morte aparente do embuçado, havia no segundo quadro o rapto da menina, já então moça de dezessete anos, um monólogo que parecia durar igual prazo, e o roubo de um testamento.

17 Eram quase onze horas quando acabou a leitura deste segundo quadro. Duarte mal podia conter a cólera; era já impossível ir ao Rio Comprido. Não é fora de propósito conjecturar⁴³ que, se o major expirasse naquele momento, Duarte agradecia⁴⁴ a morte como um benefício da Providência. Os sentimentos do bacharel não faziam crer tamanha ferocidade; mas a leitura de um mau livro é capaz de produzir fenômenos ainda

³⁵ cálix] cálice – em OCA2015.

³⁶ – Isto vai depressa, disse Lopo Alves; eu sei] – Isto vai depressa – disse Lopo Alves –; eu sei – em OCA2015.

³⁷ moleque] criado – em EP.

³⁸ Neste ponto, começa novo parágrafo em EP.

³⁹ obra] leitura – em EP; obra – em PA1937.

⁴⁰ Neste ponto, começa novo parágrafo em EP.

⁴¹ dous] dois – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015.

⁴² no sétimo.] do sétimo. – em PA1882, em OCA1959, em OCA1994. Em EP, neste ponto começa novo parágrafo.

⁴³ conjecturar] conjeturar – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

⁴⁴ agradecia] agradeceria – em EP e em PA1952.

mais espantosos. Acresce que, enquanto aos olhos carnavais do bacharel aparecia em toda a sua espessura a grenha de Lopo Alves, fulgiam-lhe ao espírito⁴⁵ os fios de ouro que ornavam a formosa cabeça de Cecília; via-a com os olhos azuis,⁴⁶ a tez⁴⁷ branca e rosada, o gesto⁴⁸ delicado e gracioso, dominando⁴⁹ todas as demais damas que deviam estar⁵⁰ no salão da viúva Meneses. Via aquilo, e ouvia mentalmente a música, a palestra, o soar dos passos, e o ruge-ruge das sedas; enquanto a voz rouquenha e sensaborona de Lopo Alves ia desfiando os quadros e os diálogos, com a impassibilidade de uma⁵¹ grande convicção.

18 Voava o tempo,⁵² e o ouvinte já não sabia a conta dos quadros. Meia-noite soara desde muito; o baile estava perdido. De repente, viu Duarte que o major enrolava outra vez o manuscrito, erguia-se, empertigava-se, cravava nele uns olhos odientos e maus, e saía arrebatadamente do gabinete.⁵³ Duarte quis chamá-lo, mas o pasmo tolhera-lhe a voz e os movimentos. Quando pôde dominar-se, ouviu o bater do tacão rijo e colérico do dramaturgo na pedra da calçada.⁵⁴ Foi à janela; nada viu nem ouviu; autor e drama tinham desaparecido.

19 – Por que não fez ele isso há mais tempo? disse o rapaz suspirando.⁵⁵

20 O suspiro mal teve tempo de abrir as asas e sair pela janela fora, em demanda do Rio Comprido, quando o moleque⁵⁶ do bacharel veio anunciar-lhe a visita de um homem baixo e gordo.

21 – A esta hora! exclamou Duarte.⁵⁷

22 – A esta hora, repetiu o homem baixo e gordo, entrando na sala. A esta ou⁵⁸ a qualquer hora,⁵⁹ pode a polícia entrar na casa do cidadão, uma vez que se trata de um delito grave.

⁴⁵ ao espírito] aos olhos do espírito – em EP.

⁴⁶ via-a com os olhos azuis,] ele a via com os seus olhos azuis, – em EP.

⁴⁷ a tez] sua tez – em EP.

⁴⁸ o gesto] seu gesto – em EP.

⁴⁹ dominando] á dominar – em EP. Ver nota 14.

⁵⁰ que deviam estar] que lá deviam estar – em EP.

⁵¹ uma] sua – em EP.

⁵² Voava o tempo,] O tempo ia passando, – em EP.

⁵³ De repente, viu Duarte que o major enrolava outra vez o manuscrito, erguia-se, empertigava-se, cravava nele uns olhos odientos e maus, e saía arrebatadamente do gabinete.] De repente, viu Duarte que o major, que parecia ler atentamente o manuscrito, ergueu-se, empertigou-se, cravou nele uns olhos odientos e maus, e saiu arrebatadamente do gabinete. – em EP.

⁵⁴ Em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015, neste ponto começa novo parágrafo.

⁵⁵ – Por que não fez ele isso há mais tempo? disse o rapaz suspirando.] – Por que não fez ele isso há mais tempo? disse o rapaz, suspirando. – em PA1937; – Por que não fez ele isso há mais tempo? – disse o rapaz suspirando. – em OCA2015.

⁵⁶ moleque] criado – em EP.

⁵⁷ – A esta hora! exclamou Duarte.] – A esta hora! – exclamou Duarte. – em OCA2015.

⁵⁸ – A esta hora, repetiu o homem baixo e gordo, entrando na sala. A esta ou] – A esta hora – repetiu o homem baixo e gordo, entrando na sala. – A esta ou – em OCA2015.

⁵⁹ a qualquer hora,] á qualquer hora, – em EP. Ver nota 14.

- 23 – Um delito!
- 24 – Creio que me conhece...⁶⁰
- 25 – Não tenho essa honra.
- 26 – Sou empregado na polícia.
- 27 – Mas que tenho eu com o senhor?⁶¹ de que delito se trata?
- 28 – Pouca cousa:⁶² um furto. O senhor é acusado de haver subtraído uma chinela turca. Aparentemente não vale nada ou vale pouco a tal chinela. Mas há chinela e chinela. Tudo depende das circunstâncias.
- 29 O homem disse isto com um riso sarcástico, e cravando no bacharel uns olhos de inquisidor.⁶³ Duarte não sabia sequer da existência do objeto roubado. Concluiu que havia equívoco de nome, e não se zangou com a injúria irrogada à sua pessoa, e de algum modo à sua classe, atribuindo-se-lhe a ratonice. Isto mesmo disse ao empregado da polícia, acrescentando que não era motivo, em todo caso,⁶⁴ para incomodá-lo a semelhante hora.
- 30 – Há de perdoar-me, disse o representante da autoridade. A chinela⁶⁵ de que se trata vale algumas dezenas de contos de réis; é ornada de finíssimos diamantes, que a tornam singularmente preciosa. Não é turca só pela forma, mas também pela origem. A dona, que é uma de⁶⁶ nossas patricias mais viageiras, esteve, há cerca de três anos⁶⁷ no Egito, onde a comprou a um judeu.⁶⁸ A história, que este aluno de Moisés referiu acerca daquele produto da indústria muçulmana, é verdadeiramente miraculosa, e, no meu sentir, perfeitamente mentirosa. Mas não vem ao caso dizê-la.⁶⁹ O que importa saber é que ela foi roubada e que a polícia tem denúncia contra o senhor.
- 31 Neste ponto do discurso, chegara-se o homem à janela; Duarte suspeitou que fosse um doudo⁷⁰ ou um ladrão. Não teve tempo de examinar a suspeita, porque⁷¹ dentro de alguns segundos, viu entrar cinco homens armados, que lhe lançaram as mãos e o levaram, escada abaixo, sem embargo dos gritos que soltava e dos movimentos desesperados que fazia. Na rua havia um carro, onde o meteram à força. Já lá estava o

⁶⁰ conhece...] conhece..... – em EP.

⁶¹ – Mas que tenho eu com o senhor?] – Mas que tenho eu com V. S.? – em EP.

⁶² cousa:] coisa: – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015.

⁶³ uns olhos de inquisidor.] um olhar inquisitorial. – em EP.

⁶⁴ em todo caso,] em todo o caso, – em EP.

⁶⁵ – Há de perdoar-me, disse o representante da autoridade. A chinela] – Há de perdoar-me – disse o representante da autoridade. – A chinela – em OCA2015.

⁶⁶ de] das – em EP.

⁶⁷ anos] anos, – em PA1952, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

⁶⁸ a um judeu.] á um judeu. – em EP. Ver nota 14.

⁶⁹ dizê-la.] dizê-lo. – em PAGK1989 e em CJG1998. O pronome concorda com “a história”; não vimos razão para corrigir a passagem. O emprego do gênero neutro – em “dizê-lo” – não nos parece necessário.

⁷⁰ doudo] doido – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015.

⁷¹ porque] porque, – em PAGK1989, em CJG1998 e em PAIT2005.

homem baixo e gordo, e mais um sujeito alto e magro,⁷² que o receberam e fizeram sentar no fundo do carro. Ouviu-se estalar o chicote do cocheiro e o carro partiu à desfilada.

32 – Ah! ah! disse o homem gordo. Com que então pensava⁷³ que podia impunemente furtar chinelas turcas, namorar moças louras, casar talvez com elas... e rir ainda por cima do gênero humano.⁷⁴

33 Ouvindo aquela alusão à dama dos seus pensamentos, Duarte teve um calafrio.⁷⁵ Tratava-se, ao que parecia, de algum desforço de rival suplantado. Ou a alusão seria casual e estranha à aventura? Duarte perdeu-se num cipoal de conjecturas,⁷⁶ enquanto o carro ia sempre andando a todo galope.⁷⁷ No fim de algum tempo, arriscou uma observação.⁷⁸

34 – Quaisquer que sejam os meus crimes, suponho que a polícia...

35 – Nós não somos da polícia,⁷⁹ interrompeu friamente o homem magro.

36 – Ah!

37 – Este cavalheiro e eu fazemos um par. Ele, o senhor e eu faremos um terno.⁸⁰ Ora, terno não é melhor que par; não é, não pode ser.⁸¹ Um casal é o ideal. Provavelmente não me entendeu?

38 – Não, senhor.⁸²

39 – Há de entender logo mais.

40 Duarte resignou-se à espera,⁸³ enfronhou-se no silêncio, derreou o corpo,⁸⁴ e deixou correr o carro e a aventura. Obra de cinco minutos depois estacavam os cavalos.

41 – Chegamos, disse o homem gordo.⁸⁵

42 Dizendo isto,⁸⁶ tirou um lenço da algibeira e ofereceu-o ao bacharel para que tapasse os olhos. Duarte recusou, mas o homem magro observou-lhe que era mais prudente obedecer que resistir. Não resistiu o bacharel; atou o lenço e apeou-se. Ouviu,

⁷² magro,] magro – em PA1937 e em PA1952.

⁷³ – Ah! ah! disse o homem gordo. Com que então pensava] – Ah! ah! disse o homem gordo. Com que então V. S. pensava – em EP; – Ah! ah! – disse o homem gordo. – Com que então pensava – em OCA2015.

⁷⁴ humano.] humano? – em EP.

⁷⁵ Duarte teve um calafrio.] o moço estremeceu e sentiu um calafrio. – em EP.

⁷⁶ conjecturas,] conjeturas, – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em CJG1998.

⁷⁷ a todo galope.] a todo o galope. – em EP.

⁷⁸ arriscou uma observação.] Duarte arriscou uma observação: – em EP.

⁷⁹ – Nós não somos da polícia,] – Nós não somos polícia, – em EP; – Nós não somos da polícia – (com travessão no lugar da vírgula) – em OCA2015.

⁸⁰ Ele, o senhor e eu faremos um terno.] Ele, o senhor, e eu faremos um terno. – em EP.

⁸¹ não é, não pode ser.] não, não pode ser. – em OCA1994 e em OCA2015.

⁸² – Não, senhor.] – Não, senhor, – em EP.

⁸³ à espera,] ao adiamento, – em EP; à espera – em PA1937.

⁸⁴ enfronhou-se no silêncio, derreou o corpo,] envolveu-se no silêncio e no chambre, – em EP.

⁸⁵ – Chegamos, disse o homem gordo.] – Chegamos – disse o homem gordo. – em OCA2015.

⁸⁶ Dizendo isto,] Dizendo isto – em EP.

daí a pouco,⁸⁷ ranger uma porta; duas pessoas,⁸⁸ – provavelmente as mesmas que o acompanharam no carro,⁸⁹ – seguraram-lhe as mãos⁹⁰ e o conduziram por uma infinidade de corredores e escadas. Andando, ouvia o bacharel algumas vozes desconhecidas, palavras soltas, frases truncadas.⁹¹ Afinal pararam; disseram-lhe que se sentasse e destapassem os olhos. Duarte obedeceu;⁹² mas ao desvendar-se, não viu ninguém mais.

43 Era uma sala vasta, assaz iluminada, trastejada com elegância e opulência. Era talvez sobreposse a variedade dos adornos; contudo, a pessoa que os escolhera devia ter gosto apurado.⁹³ Os bronzes, charões, tapetes, espelhos,⁹⁴ – a cópia infinita de objetos que enchiam a sala, era⁹⁵ tudo da melhor fábrica. A vista daquilo restituiu a serenidade de ânimo ao bacharel; não era provável que ali morassem ladrões.⁹⁶

44 Reclinou-se o moço indolentemente na otomana... Na otomana! esta⁹⁷ circunstância trouxe à memória do rapaz o princípio da aventura e o roubo da chinela. Alguns minutos de reflexão bastaram para ver que a tal chinela era já agora mais que problemática. Cavando mais fundo no terreno das conjecturas,⁹⁸ pareceu-lhe achar uma explicação nova e definitiva. A chinela vinha a ser pura metáfora; tratava-se do coração de Cecília, que ele roubara, delito de que o queria punir o já imaginado rival. A isto deviam ligar-se naturalmente as palavras misteriosas do homem magro: o par é melhor que o terno; um casal é o ideal.

45 – Há de ser isso, concluiu Duarte; mas quem⁹⁹ será esse pretendente derrotado?

46 Neste momento abriu-se uma porta do fundo da sala e negrejou a batina¹⁰⁰ de um padre alvo e calvo. Duarte levantou-se,¹⁰¹ como por efeito de uma mola. O padre atravessou lentamente a sala, ao passar por ele deitou-lhe a bênção, e foi sair por outra porta rasgada na parede fronteira. O bacharel ficou sem movimento, a olhar para a

⁸⁷ Ouviu, daí a pouco,] Ouviu daí a pouco – em EP.

⁸⁸ pessoas,] pessoas – em PA1937 e em OCA2015.

⁸⁹ carro,] carro – em PA1937 e em OCA2015.

⁹⁰ as mãos] nas mãos – em EP.

⁹¹ vozes desconhecidas, palavras soltas, frases truncadas.] vozes desconhecidas, que proferiam baixinho palavras soltas e frases truncadas. – em EP.

⁹² obedeceu;] obedeceu: – em PA1937 e em PA1952.

⁹³ Neste ponto começa novo parágrafo em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994.

⁹⁴ espelhos,] espelhos – em PA1937, em PA1952 e em OCA2015.

⁹⁵ sala, era] sala era – em EP.

⁹⁶ ladrões.] ladrões, – em PA1937.

⁹⁷ esta] Esta – em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

⁹⁸ conjecturas,] conjecturas – em PA1937; conjeturas, – em PA1952, em OCA1959, em OCA1994 e em CJG1998.

⁹⁹ – Há de ser isso, concluiu Duarte; mas quem] – Há de ser isso – concluiu Duarte –; mas quem – em OCA2015.

¹⁰⁰ abriu-se uma porta do fundo da sala e negrejou a batina] abriu-se uma porta do fundo da sala e apareceu, ou melhor, negrejou a batina – em EP.

¹⁰¹ Duarte levantou-se,] Duarte levantou-se – em EP.

porta, a olhar sem ver, estúpido de todos os sentidos.¹⁰² O inesperado daquela aparição baralhou totalmente as ideias anteriores a respeito da aventura.¹⁰³ Não teve tempo, entretanto, de cogitar alguma nova explicação, porque a primeira porta foi de novo aberta e entrou por ela outra figura,¹⁰⁴ desta vez o homem magro, que foi direito a ele e o convidou a segui-lo. Duarte não opôs resistência. Saíram por uma terceira porta, e, atravessados alguns corredores mais ou menos alumiados, foram dar a outra¹⁰⁵ sala, que só o era por duas velas postas em castiçais de prata. Os castiçais estavam sobre uma mesa larga. Na cabeceira desta havia um homem velho que representava ter cinquenta e cinco¹⁰⁶ anos; era uma figura atlética, farta¹⁰⁷ de cabelos na cabeça e na cara.

47 – Conhece-me? perguntou o velho,¹⁰⁸ logo que Duarte entrou na sala.

48 – Não, senhor.

49 – Nem é preciso. O que vamos fazer exclui absolutamente a necessidade de qualquer apresentação. Saberá em primeiro lugar que o roubo da chinela foi um simples pretexto...¹⁰⁹

50 – Oh! decerto! interrompeu Duarte.¹¹⁰

51 – Um simples pretexto, continuou o velho, para trazê-lo¹¹¹ a esta nossa casa. A chinela não foi roubada; nunca saiu das mãos da dona. João Rufino, vá buscar a chinela.

52 O homem magro saiu, e o velho declarou ao bacharel que a famosa chinela não tinha nenhum diamante, nem fora comprada a nenhum judeu do Egito; era, porém, turca, segundo se lhe disse, e um milagre de pequenez.¹¹² Duarte ouviu as explicações, e, reunindo todas as forças,¹¹³ perguntou resolutamente:

53 – Mas, senhor, não me dirá de uma vez o que querem de mim e o que estou fazendo nesta casa?

54 – Vai sabê-lo, respondeu¹¹⁴ tranquilamente o velho.

¹⁰² Em EP, neste ponto, começa novo parágrafo.

¹⁰³ baralhou totalmente as ideias anteriores a respeito da aventura.] baralhou totalmente as ideias do bacharel, a respeito da aventura, de que estava sendo protagonista. – em EP.

¹⁰⁴ figura,] figura – em PA1937.

¹⁰⁵ a outra] á outra – em EP. Ver nota 14.

¹⁰⁶ cinquenta e cinco] cinquenta e dous – em EP.

¹⁰⁷ farta] farta, – em EP.

¹⁰⁸ – Conhece-me? perguntou o velho,] – Conhece-me? – perguntou o velho, – em OCA2015.

¹⁰⁹ pretexto...] pretexto.... – em EP.

¹¹⁰ – Oh! decerto! interrompeu Duarte.] Oh! decerto! interrompeu Duarte. – em PA1937; – Oh! decerto! – interrompeu Duarte. – em OCA2015.

¹¹¹ – Um simples pretexto, continuou o velho, para trazê-lo] – Um simples pretexto – continuou o velho – para trazê-lo – em OCA2015.

¹¹² pequenez] pequenez – em EP, em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998, em PAIT2005 e em OCA2015.

¹¹³ forças,] forças – em EP.

¹¹⁴ – Vai sabê-lo, respondeu] – Vai sabê-lo – respondeu – em OCA2015.

55 A porta abriu-se e apareceu o homem magro com a chinela na mão. Duarte, convidado a aproximar-se da luz, teve ocasião de verificar que a pequenez era realmente miraculosa. A chinela era de marroquim finíssimo; no assento do pé, estufado¹¹⁵ e forrado de seda cor azul, rutilavam¹¹⁶ duas letras bordadas a ouro.

56 – Chinela de criança, não lhe parece? disse o velho.¹¹⁷

57 – Suponho que sim.

58 – Pois supõe mal; é chinela de moça.

59 – Será; nada tenho com isso.

60 – Perdão! tem muito, porque vai casar com a dona.¹¹⁸

61 – Casar! exclamou Duarte.¹¹⁹

62 – Nada menos. João Rufino, vá buscar a dona da chinela.

63 Saiu o homem magro, e voltou logo depois. Assomando à porta, levantou o reposteiro e deu entrada a uma mulher,¹²⁰ que caminhou para o centro da sala. Não era mulher, era uma sílfide, uma visão de poeta, uma criatura divina.¹²¹ Era loura; tinha os olhos azuis, como os de Cecília, extáticos,¹²² uns olhos que buscavam o céu ou pareciam viver dele. Os cabelos, deleixadamente¹²³ penteados, faziam-lhe em volta da cabeça,¹²⁴ um como resplendor de santa; santa somente, não mártir, porque o sorriso¹²⁵ que lhe desabrochava os lábios,¹²⁶ era um sorriso de bem-aventurança, como raras vezes há de ter tido a terra.¹²⁷ Um vestido branco, de finíssima cambraia, envolvia-lhe castamente o corpo, cujas formas aliás desenhava, pouco para os olhos, mas¹²⁸ muito para a imaginação.

¹¹⁵ Parece-nos que “estufado” seria uma leitura melhor do vocábulo; entretanto, não nos sentimos autorizados a “corrigir” o texto.

¹¹⁶ rutilavam] havia – em EP.

¹¹⁷ – Chinela de criança, não lhe parece? disse o velho.] – Chinela de criança, não lhe parece? diss e a veelho. – em PA1882; – Chinela de criança, não lhe parece? – disse o velho. – em OCA2015.

¹¹⁸ com a dona.] com ela. – em EP.

¹¹⁹ – Casar! exclamou Duarte.] – Casar! – exclamou Duarte. – em OCA2015.

¹²⁰ mulher.] mulher – em EP.

¹²¹ Neste ponto começa novo parágrafo em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994.

¹²² tinha os olhos azuis, como os de Cecília, extáticos.] tinha os olhos azuis, não pensativos como os de Cecília, mas extáticos, – em EP.

¹²³ deleixadamente] desleixadamente – em PA1937, em PA1952 e em OCA2015.

¹²⁴ cabeça.] cabeça – em PAIT2005.

¹²⁵ sorriso] sorriso, – em EP.

¹²⁶ lábios,] lábios – em PAIT2005.

¹²⁷ Neste ponto começa novo parágrafo em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015.

¹²⁸ mas] mais – em PA1882 e em PA1937. A expressão “mais muito” (ou seja, “muito mais”) se opõe muito bem a “pouco”; entretanto, na errata, o autor registra, no caso deste conto, apenas um erro, e afirma o seguinte: “Alguns erros escaparam que a inteligência do leitor terá corrigido.” Julgamos ser este um dos casos que ele supõe que “o leitor terá corrigido”. Observe-se que, em EP, vem “mas”, e não “mais”. Provavelmente houve erro tipográfico na nova composição.

64 Um rapaz, como o bacharel, não perde o sentimento da elegância, ainda em lances daqueles.¹²⁹ Duarte, ao ver a moça, compôs o chambre,¹³⁰ apalpou a gravata e fez uma cerimoniosa cortesia, a que ela¹³¹ correspondeu com tamanha gentileza e graça, que a aventura começou a parecer muito menos aterradora.

65 – Meu caro doutor, esta é a noiva.

66 A moça abaixou os olhos; Duarte respondeu que não tinha vontade de casar.

67 – Três cousas¹³² vai o senhor fazer agora mesmo, continuou¹³³ impassivelmente o velho: a primeira,¹³⁴ é casar; a segunda,¹³⁵ escrever o seu testamento;¹³⁶ a terceira¹³⁷ engolir certa droga do Levante...

68 – Veneno! interrompeu Duarte.¹³⁸

69 – Vulgarmente é esse o nome; eu dou-lhe outro: passaporte do céu.

70 Duarte estava pálido e frio. Quis falar, não pôde; um gemido, sequer, não lhe saiu do peito. Rolaria ao chão, se não houvesse ali perto uma cadeira em que se deixou cair.

71 – O senhor, continuou o velho, tem uma fortunazinha¹³⁹ de cento e cinquenta contos. Esta pérola será a sua herdeira universal. João Rufino, vá buscar o padre.

72 O padre entrou, o mesmo padre calvo que abençoara o bacharel pouco antes; entrou e foi direito ao moço, engrolando sonolentemente um trecho de Neemias ou qualquer outro profeta menor; travou-lhe da mão e disse:

73 – Levante-se!

74 – Não! não quero! não me casarei!

75 – E isto? disse da mesa o velho¹⁴⁰ apontando-lhe uma pistola.

76 – Mas então é um assassinato?

77 – É; a diferença está no gênero de morte: ou violenta com isto, ou suave com a droga. Escolha!

¹²⁹ em lances daqueles.] em lances como aquele. – em EP.

¹³⁰ compôs o chambre.] compôs, o melhor que pôde, o chambre, – em EP.

¹³¹ ela] a moça – em EP.

¹³² cousas] coisas – em PA1952, em CJG1998 e em OCA2015.

¹³³ agora mesmo, continuou] agora mesmo – continuou em OCA2015.

¹³⁴ o velho: a primeira,] o velho: primeira, – em EP; o velho: a primeira – em PA1937 e em OCA1994; o velho – a primeira – em OCA2015.

¹³⁵ a segunda,] segunda, – em EP; a segunda – em OCA1994 e em OCA2015.

¹³⁶ escrever o seu testamento;] fazer testamento; – em EP.

¹³⁷ a terceira] terceira, – em EP; a terceira, – em PA1937, em PAGK1989 e em PAIT2005.

¹³⁸ – Veneno! interrompeu Duarte.] – Veneno! – interrompeu Duarte. – em OCA2015.

¹³⁹ – O senhor, continuou o velho, tem uma fortunazinha] – O senhor – continuou o velho – tem uma fortunazinha – em OCA2015.

¹⁴⁰ – E isto? disse da mesa o velho] – E isto? disse da mesa o velho, – em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em PAIT2005; – E isto? – disse da mesa o velho, – em OCA2015.

78 Duarte suave¹⁴¹ e tremia. Quis levantar-se e não pôde. Os joelhos batiam um contra o outro. O padre chegou-se-lhe ao ouvido, e disse baixinho:

79 – Quer fugir?

80 – Oh! sim! exclamou,¹⁴² não com os lábios,¹⁴³ que podia ser ouvido, mas com os olhos em que pôs toda a vida que lhe restava.

81 – Vê aquela janela? Está aberta;¹⁴⁴ embaixo fica um jardim. Atire-se dali sem medo.

82 – Oh! padre! disse baixinho o bacharel.¹⁴⁵

83 – Não sou padre, sou tenente do exército. Não diga nada.

84 A janela estava apenas cerrada; via-se pela fresta uma nesga do céu, já meio claro.¹⁴⁶ Duarte não hesitou, coligiu¹⁴⁷ todas as forças, deu um pulo do lugar onde estava e atirou-se a¹⁴⁸ Deus misericórdia por ali abaixo. Não era grande altura, a queda foi pequena; ergueu-se o moço rapidamente, mas o homem gordo,¹⁴⁹ que estava no jardim,¹⁵⁰ tomou-lhe o passo.

85 – Que é isso? perguntou ele rindo.¹⁵¹

86 Duarte não respondeu, fechou os punhos, bateu com eles violentamente nos peitos¹⁵² do homem e deitou a correr pelo¹⁵³ jardim fora. O homem não caiu; sentiu apenas um grande abalo; e, uma vez passada a impressão,¹⁵⁴ seguiu no encalço do fugitivo. Começou então uma carreira vertiginosa. Duarte ia saltando cercas e muros, calcando canteiros, esbarrando árvores,¹⁵⁵ que uma ou outra vez se lhe erguiam na

¹⁴¹ suave] suave – em OCA1994.

¹⁴² – Oh! sim! exclamou,] – Oh! sim! exclamou Duarte, – em EP; – Oh! sim! – exclamou, – em OCA2015.

¹⁴³ lábios,] lábios – em PA1937 e em PA1952.

¹⁴⁴ Está aberta;] Está aberta: – em EP.

¹⁴⁵ – Oh! padre! disse baixinho o bacharel.] – Oh! padre! – disse baixinho o bacharel. – em OCA2015.

¹⁴⁶ claro.] claro; – em EP.

¹⁴⁷ coligiu] reuniu – em EP.

¹⁴⁸ a] á – em EP. Ver nota 14.

¹⁴⁹ gordo,] gordo – em EP.

¹⁵⁰ jardim,] jardim – em EP.

¹⁵¹ – Que é isso? perguntou ele rindo.] – Que é isso? perguntou ele, rindo. – em EP e em PA1937; – Que é isso? – perguntou ele rindo. – em OCA2015.

¹⁵² nos peitos] nos ombros – em EP.

¹⁵³ pelo] pela – em PA1882.

¹⁵⁴ sentiu apenas um grande abalo; e, uma vez passada a impressão,] sentiu apenas o abalo do golpe; mas, passada a impressão, – em EP; sentiu apenas um grande abalo; e, uma vez passada a impressão. – em OCA1994.

¹⁵⁵ árvores,] árvores – em EP. Com o sentido que tem aí, de “chocar-se fisicamente com algo”, o verbo “esbarrar” é transitivo indireto. Pode ser que se trate de erro tipográfico, já que em EP está “esbarrando nas árvores”; pode até ter resultado de intervenção do autor. A mudança da regência verbal nos parece adequada à ideia de “atropelo”, presente nos acontecimentos narrados.

frente.¹⁵⁶ Escorria-lhe o suor em bica, alteava-se-lhe o peito, as forças iam a perder-se pouco a pouco;¹⁵⁷ tinha uma das mãos ferida,¹⁵⁸ a camisa salpicada do orvalho das folhas, duas vezes¹⁵⁹ esteve a ponto de ser apanhado,¹⁶⁰ o chambre pegara-se-lhe em uma cerca de espinhos. Enfim, cansado, ferido, ofegante, caiu nos degraus de pedra de uma casa, que havia no meio do último jardim que atravessara.¹⁶¹ Olhou para trás; não viu ninguém;¹⁶² o perseguidor não o acompanhara até ali. Podia vir, entretanto; Duarte ergueu-se a custo, subiu os quatro degraus que lhe faltavam, e entrou na casa, cuja porta, aberta, dava para uma sala pequena e baixa.

87 Um homem que ali estava, lendo um número do *Jornal do Commercio*,¹⁶³ pareceu não o ter visto entrar. Duarte caiu numa cadeira. Fitou os olhos no homem. Era o major¹⁶⁴ Lopo Alves.¹⁶⁵ O major, empunhando a folha, cujas dimensões iam-se tornando extremamente exíguas,¹⁶⁶ exclamou repentinamente:

88 – Anjo do céu, estás vingado! Fim do último quadro.

89 Duarte olhou para ele, para a mesa, para as paredes, esfregou os olhos, respirou à larga.

90 – Então! Que tal lhe pareceu?¹⁶⁷

91 – Ah! excelente! respondeu o bacharel,¹⁶⁸ levantando-se.

92 – Paixões fortes, não?¹⁶⁹

93 – Fortíssimas. Que horas são?

94 – Deram duas agora mesmo.¹⁷⁰

95 Duarte acompanhou o major até a¹⁷¹ porta, respirou ainda uma vez, apalpou-se, foi até à janela. Ignora-se o que pensou durante os primeiros minutos; mas, ao cabo de

¹⁵⁶ esbarrando árvores, que uma ou outra vez se lhe erguiam na frente.] esbarrando nas árvores que uma ou outra vez se lhe erguiam na frente. – em EP; esbarrando árvores, que uma ou outra vez se lhe erguiam na frente. – em PA1937.

¹⁵⁷ perder-se pouco a pouco;] perder-se a pouco e pouco; – em EP.

¹⁵⁸ ferida,] feridas, – em OCA1959, em OCA1994 e em OCA2015.

¹⁵⁹ folhas, duas vezes] folhas. Duas vezes – em EP.

¹⁶⁰ apanhado,] apanhado; – em EP.

¹⁶¹ Em PA1937, em PA1952, em OCA1959, em PAGK1989, em OCA1994, em CJG1998 e em OCA2015, neste ponto começa novo parágrafo.

¹⁶² ninguém;] ninguém: – em OCA1994 e em OCA2015.

¹⁶³ lendo um número do *Jornal do Commercio*,] lendo o *Jornal do Commercio*, – em EP.

¹⁶⁴ major] Major – em OCA1994.

¹⁶⁵ Em PA1937, em PA1952, em OCA1959 e em OCA1994, neste ponto começa novo parágrafo.

¹⁶⁶ O major, empunhando a folha, cujas dimensões iam-se tornando extremamente exíguas,] O major, empunhando o *Jornal*, cujas formas iam-se tornando extremamente exíguas, – em EP.

¹⁶⁷ Que tal lhe pareceu?] Que tal lhe parece o drama? – em EP.

¹⁶⁸ – Ah! excelente! respondeu o bacharel,] Ah! excelente! respondeu o bacharel, – em PA1937; – Ah! excelente! – respondeu o bacharel, – em OCA2015.

¹⁶⁹ – Paixões fortes, não?] Paixões fortes não? – em PA1937.

¹⁷⁰ – Deram duas agora mesmo.] – Duas. – em EP.

¹⁷¹ até a] até à – em PA1937, em PA1952, em PAGK1989 e em PAIT2005. Em Machado, o uso mais comum é “até à”.

um quarto de hora, eis o que ele dizia consigo: – Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio¹⁷² e uma grave lição: provaste-me ainda uma vez que¹⁷³ o melhor drama está no espectador e não no palco.¹⁷⁴

FIM DA CHINELA TURCA.

Abreviaturas empregadas nesta edição

CJG1998 – *Contos*: uma antologia, 1998, edição de John Gledson.
EP – *A Época*.
OCA1959 – *Obra completa*, 1959.
OCA1994 – *Obra completa*, 1994.
OCA2015 – *Obra completa em quatro volumes*, 2015.
PA1882 – *Papéis avulsos*, 1882.
PA1937 – *Papéis avulsos*, 1937.
PA1952 – *Papéis avulsos*, 1952.
PAGK1989 – *Papéis avulsos*, 1989, edição de Adriano da Gama Kury.
PAIT2005 – *Papéis avulsos*, 2005, edição de Ivan Teixeira.

Referências

ALENCAR, José de. Pós-escrito (à segunda edição). In: *Iracema*. Edição crítica de M. Cavalcanti Proença. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979. p. 99-118.

ASSIS, Machado de. A chinela turca. *A Época*, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3-6, 14 nov. 1875.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: Lombaerts, 1882.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1937.

¹⁷² Um bom negócio] Um negócio – em PA1937 e em PA1952.

¹⁷³ ainda uma vez que] que muitas vezes – em PA1882 (corrigido na errata), em – PA1937 e em PA1952.

¹⁷⁴ Duarte acompanhou o major até a porta, respirou ainda uma vez, apalpou-se, foi até à janela. Ignora-se o que pensou durante os primeiros minutos; mas, a cabo de um quarto de hora, eis o que ele dizia consigo: – Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me que muitas vezes o melhor drama está no espectador e não no palco.] Livre do pesadelo, Duarte despediu-se do major jurando a si próprio nunca mais assistir à leitura de melodramas, sejam ou não obras de major. É a moralidade do conto. – em EP (nessa edição, ao pé da coluna, vem o pseudônimo de Machado de Assis: *Manassés*). Em PA1937, ao pé do texto, vem: *A Época*, 14 novembro, 1875; em OCA2015: *A Época*, 14 de novembro de 1875; *Manassés*.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1952.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1959. 3v.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição feita de acordo com a 1ª e anotada pelo Prof. Adriano da Gama Kury. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 3v.

ASSIS, Machado de. *Contos: uma antologia*. Seleção, introdução e notas por John Gledson. São Paulo: Companhia dos Livros, 1998. 2v.

ASSIS, Machado de. *Papéis avulsos*. Edição preparada por Ivan Teixeira. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*. (Org.) Aluizio Leite, Ana Lima Cecílio, Heloísa Jahn e Rodrigo Lacerda. São Paulo: Nova Aguilar, 2015. v. 2.

NABUCO, Joaquim. *Camões e os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Tipografia do Imperial Instituto Artístico, 1872.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.